



---

## FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA PARA AS DISCUSSÕES DE CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE

**Autor.** Roniel Figueiredo Santos. Universidade Estadual do Sudoeste de Bahia. [ronielbiologia@hotmail.com](mailto:ronielbiologia@hotmail.com)

**Tema.** Eixo temático 5.

**Modalidade.** 1. **Nível educativo** universitário.

**Resumo.** O presente trabalho tem como objetivo analisar as discussões sobre corpo, gênero e sexualidade nos cursos de formação de professores de Ciências e Biologia no estado da Bahia. Para tanto, foi realizada uma pesquisa a partir de formulário digital com professores que cursaram a licenciatura em instituições públicas e privadas. O formulário possibilitou traçar o perfil dos/as interlocutores/as quanto à idade, identidade de gênero, e como as discussões sobre gênero e sexualidade ocorreram em seu processo de formação inicial. Destacase o espaço que essas temáticas têm ganhado dentro dos cursos de graduação e a carência de que novos ambientes sejam desenvolvidos, tendo em vista, que ainda muitos/as professores/as passam pela formação inicial sem terem contato com as discussões de gênero e sexualidade, dificultando que essas discussões adentrem o ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Formação de Professores, Docência, Gênero, Sexualidade.

### Introdução

Em um contexto social marcado pela constante presença de discursos ambivalentes que disputam espaços sociais, pensar, discutir e se debruçar sobre as diferenças pode ser considerado como ações de enfrentamentos e resistências às muitas vozes que se somam na manutenção das padronizações e enquadramentos. Assim, discutir, legitimar e ser o/a diferente, o/a dissidente e o/a excêntrico/a, é uma ação de ruptura e desestabilização das cristalizações históricas que são constantemente evocadas na tentativa de justificar muitas práticas preconceituosas e discriminatórias.

Neste ínterim, a escola se tornou um dos principais, se não o principal, campo de disputa. Por ser, notadamente, um importante espaço de aprendizagens a vigilância de diversos dispositivos de controle como igrejas e estado voltaram os seus olhares e ações de forma mais proeminente, atacando qualquer sinal de manifestação, por menor que seja de discussões que destoem daquilo que eles pregam em seus púlpitos e palanques. Neste contexto, reverberam alguns discursos que fundamentam práticas de perseguições como é o caso da “escola sem partido” e da suposta “ideologia de gênero” que são estratégias utilizadas pelos grupos conservadores na tentativa de culpabilizar o/a professor/a que dialoga sobre essas questões em suas salas de aulas, dando-lhe os títulos de esquerdista, ideologista, anti-cristo, pecador/a, entre outros (Moreira & César, 2019).

Os professores/as de Ciências e Biologia são importantes agentes nessas discussões no ambiente escolar, pois muitas vezes, é delegada a eles/as a tarefa de discutir assuntos relacionados aos sistemas genitais e sexualidade, pois são percebidos como “conteúdos programáticos” dessas disciplinas. Contudo, geralmente as discussões legitimadas sobre essas temáticas ocorrem exclusivamente a partir de uma perspectiva médico-higienista, em que focam em Infecções sexualmente transmissíveis – IST ou métodos contraceptivos, em uma abordagem, na maioria das vezes, baseada em relações heterossexuais, formada por casais *cisgêneros*, como modelo único de vivência sexual (Furlani, 2008). Portanto, o presente trabalho se justifica ao discutir a forma em que essas temáticas são trabalhadas na formação de professores de Biologia

contribuindo para o repensar teórico-metodológico da formação docente para essas questões, bem como, poderá servir de base para novos estudos. Assim, este estudo tem como objetivo analisar as discussões sobre corpo, gênero e sexualidade nos cursos de formação de professores/as de Ciências e Biologia no estado da Bahia.

### Referencial Teórico

As discussões de corpo, gênero e sexualidade são consideradas como temas transversais no ambiente escolar, ou seja, essas temáticas são pertinentes e podem ser dialogadas por professores/as de todas as áreas do conhecimento, todavia, essa discussão é comumente delegada aos/às docentes de Biologia e Ciências. Esse olhar também é reforçado pro normativas, como as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, documento que foi publicado para complementar os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), que aponta que: “compete ao ensino da Biologia, prioritariamente, o desenvolvimento de assuntos ligados à saúde, ao corpo humano, à adolescência e à sexualidade” (Brasil, 2006, p. 24). Furlani (2008) em consonância percebe que:

As discussões sobre sexualidade humana encontravam espaço quase que exclusivamente nas aulas de Ciências e Biologia e no trabalho isolado dessas/es professoras/res. Fortemente associada ao corpo humano e aos aparelhos “reprodutores” masculino e feminino, essa educação sexual baseava-se e ainda se baseia, em grande parte, nos conteúdos disponíveis nos livros didáticos de Ciências (Furlani, 2008, 39).

Apesar dessa responsabilidade que é delegada a professores/as de Ciências e Biologia, muitas vezes, estes/as docentes não conseguem lidar com essas questões de forma efetivamente clara, reiterando ideias estigmatizadas e estereotipadas que dificultam uma abordagem que acolha as diversidades sexuais e de gênero. Santos (2011) ao realizar uma pesquisa com 42 licenciandos/as de Ciências Biológicas de uma universidade federal de Minas Gerais percebeu que “no ambiente escolar, a competência para a educação sobre sexualidade, segundo 57% dos/as licenciandos/as é dos/as professoras/es de Ciências e/ou Biologia” (p. 10). É importante salientar que ainda nessa pesquisa quando questionados/as sobre as temáticas que deveriam ser abordadas no ensino da sexualidade a maioria dos/das discentes mencionou que a sexualidade está ligada a fatores de ordem biológica. Este olhar favorece com que os docentes, na sua prática pedagógica, utilizem uma abordagem estritamente biológica ao tratar da sexualidade (Santos, 2011).

### Metodologia

Esta pesquisa é de natureza quali-quantitativa, por se interessar em pensar a frequência de espaços de discussão sobre corpo, gênero e sexualidade e os processos de formação de professores no estado da Bahia-Brasil, além de voltar o olhar também para os desdobramentos desses espaços nas futuras práticas desses docentes. Assim, na abordagem quali-quantitativa são mesclados os pressupostos da pesquisa quantitativa e qualitativa (Paschoarelli, Medola & Bonfim, 2015).

A pesquisa contou com a participação de 70 professores/as que atuam na educação do Estado da Bahia, mas destes apenas 65 tiveram a sua formação inicial em alguma instituição de nível superior neste estado. Portanto, as análises consideradas foram realizadas a partir dos 65 participantes que atendiam os critérios de elegibilidade para participação da pesquisa.

Na produção dos dados foi utilizado um questionário, de doze perguntas, enviado pelo *Google formulários* em grupos de professores de Ciências e Biologia do *whatsApp* e *Facebook*. Os/as participantes selecionados/as foram docentes formados em Instituições de Ensino Superior no estado da Bahia/Brasil, o formulário possibilitou traçar o perfil dos/as participantes

**Lema.**

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en  
nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la  
formación de profesores.

quanto à idade, identidade de gênero, também foi possível conhecer os espaços em que as discussões sobre gênero e sexualidade ocorreram no processo de formação inicial desses/as professores/as. Segundo Gil (1999, 128), o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc”. Além disso, esse instrumento é adequado para pesquisas que apresentam um número considerado de participantes.

Os dados foram analisados a partir do cálculo estatístico do percentual de frequência das respostas objetivas e análise de conteúdo das respostas subjetivas, seguindo os preceitos elencados por Bardin (2011), a análise foi organizada em três etapas, a saber: pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados. Na pré-análise o conteúdo a ser analisado foi demarcado a partir da leitura inicial e sistematização das ideias. Na exploração do material, foram definidas as categorias de análises a partir dos elementos demarcados na pré-análise, por fim, na terceira fase, houve a sistematização dos resultados e foram destacadas as informações que possibilitaram as interpretações e inferências apresentadas nos resultados e discussão.

## **Resultados e discussão**

### **Perfil dos/as professores/as**

A maioria das/os participantes foram pessoas do gênero feminino, perfazendo o total de 46 mulheres, 18 homens e uma pessoa de gênero não-binário. Esse dado corrobora com as reflexões realizadas por Cláudia Vianna (2001), que ao fazer um importante levantamento histórico, entende que a docência ainda é uma profissão majoritariamente feminina.

A respeito da idade, houve uma variação da idade dos participantes, sendo que 27,7% das/os participantes tinham idade entre 26 e 30, 23,1% com idade entre 31 e 35 anos, 15,4% possuía entre 36 e 40 anos e 24,7% acima dos 40 anos. Esses dados se articulam com o tempo de formação dos/as participantes, pois mais da metade (52,3%) foram formados/as nos últimos dez anos.

Da totalidade de participantes, 56 estão atuando na docência atualmente, enquanto nove, por diversas questões, não estão trabalhando em sala de aula. Sobre as instituições de formação dos professores, as informações coletadas apontam que houve formações em instituições públicas e privadas, nas esferas estaduais e federais. Contudo, a maioria dos/as participantes se formou em universidades públicas, dando sinais de a importância desses espaços para a formação de professores de Ciências e Biologia. As quatro universidades que tiveram a maior quantidade de participantes foram, respectivamente, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (24,6%), Universidade Federal da Bahia - UFBA (21,5%), Universidade do Estado da Bahia - UNEB (18,5%), Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS (9,2%). Cabe, contudo, pontuar que esses valores não são necessariamente representativos da quantidade total de professores de Biologia formados em cada instituição, tendo em vista que a rede de participantes da pesquisa também é influenciada pelos/as contatos que o pesquisador possuía no processo de divulgação do questionário.

### **Contato com as discussões de corpo, gênero e sexualidade**

Quando questionadas/as se as discussões de gênero foram abordadas durante o processo de formação inicial, 35 professoras afirmaram que já haviam discutido essa temática na graduação, enquanto 30 apontaram para a inexistência dessas discussões. Esse contexto de maior espaço para discussão dessas temáticas é um ganho marcado por diversos

momentos de lutas e resistências em que os movimentos de mulheres e LGBTI+ lutaram na busca de reconhecimento das vivências sexuais e de gênero como formas legítimas. Como apontam Soares e Monteiro (2019):

O debate em torno de questões envolvendo sexualidade e gênero vem ganhando cada vez mais espaço nos diversos âmbitos sociais, conjugando-se até mesmo com a luta pelos direitos humanos e pela democracia no país. A todo instante, diferentes discursos se contrapõem, configurando-se num quadro de avanços e recuos na luta pela igualdade no Brasil (Soares; Monteiro, 2019, p. 288).

Se por um lado é notório o espaço que essas discussões ganharam nas últimas décadas nos campos sociais, inclusive na formação de professores/as, por outro lado o contra-movimento também tem agido de maneira cada vez mais enfática. No que tange aos espaços dentro do currículo dos cursos de formação de professores de Ciências e Biologia, os eventos e seminários foram apontados como os principais espaços formativos para a disseminação dessas discussões. O fato de os eventos terem um caráter mais transversal e interdisciplinar pode ser um fator que contribua para a abordagem dessas temáticas.

Outra informação relevante é que 17 professores apontaram que durante a sua formação tiveram disciplinas específicas sobre corpo, gênero e sexualidade que trabalharam essas temáticas. Contudo, esse processo ocorre ainda de maneira tímida como foi possível perceber analisar as matrizes curriculares dos cursos de Ciências Biológicas das universidades estaduais da Bahia (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Universidade do Estado da Bahia- UNEB, Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS). Apesar das quatro instituições oferecerem cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, apenas duas delas possuem disciplinas que discutem sexualidade em seus currículos regulares (UEFS, UESB – *campus* Vitória da Conquista). As demais não contemplam essas discussões em disciplinas obrigatórias e específicas para essa finalidade.

Neste sentido, muitas vezes, as discussões de gênero e sexualidade acontecem em outros espaços dentro das instituições como apontaram 15 professores que disseram que essas discussões ocorrem em projetos de pesquisas e extensão. Certamente esses espaços são fundamentais para a construção do conhecimento acadêmico, assim como é também para a formação dos/as professores, todavia, é importante salientar que assim como os eventos, esses momentos formativos não atingem a totalidade dos/as licenciandos/as em Ciências Biológicas. Ou seja, por diversos fatores, ainda é possível que professores/as se formem sem ao menos ter um momento formativo em sua graduação que seja institucionalizado.

Assim, é necessário um constante repensar da formação docente, tendo em vista o contexto social marcado pela presença da diversidade e diferença. Para tanto, é fundamental que essas discussões sejam incluídas no ambiente acadêmico em diversos espaços, inclusive no campo dos componentes curriculares, contribuindo para que os/as professores/as sejam difusores de uma educação pluralista e acolhedores da diversidade sexual e de gênero.

#### **Potencialidades e limitações nas discussões de gênero e sexualidade na formação de professores/as de Ciências e Biologia no estado da Bahia**

Dos 65 participantes apenas três não consideraram a presença dessas discussões como importante na formação de professores/as de Ciências e Biologia, demonstrando que há uma demanda por parte dos/as participantes para que o diálogo sobre essas questões ocorra no processo de formação inicial. Além disso, quando questionados/as se sentiam preparados/as para discutir sobre gênero e sexualidade em suas práticas pedagógicas 35 professores/as afirmaram se sentirem



Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en  
nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la  
formación de profesores.

preparados/as, enquanto 30 disseram não se perceberem como aptos/as a assumir essas discussões na educação básica. Um fato bastante interessante é que todos os/as professores/as que se perceberam preparados/as foram os/as mesmos/as que afirmaram ter participado de processo formativo sobre essas questões durante a sua graduação.

A participação em processos formativos, não é, contudo, garantia de aptidão para que essas discussões sejam de fato levadas para a escola, afinal, outros fatores perpassam por esse campo como a forma em que o/a professora lida com a docência e com a sua própria sexualidade, pois as pessoas que se enveredam nesse campo, geralmente têm as suas sexualidades questionadas. Isso pode ser desconfortável e gerar conflitos no ambiente escolar (Ribeiro, Soares & Fernandes, 2009). Essa situação pode contribuir para que os/as professores/as a não se sintem preparados/as para lidarem com essas questões, apesar de vivenciarem processos formativos que fomentam momentos de discussão sobre a temática.

Sobre essa questão Souza e Diniz (2010) aplicaram um questionário para 88 discentes de Ciências Biológicas de uma universidade federal do Paraná com questões que versavam sobre gênero, sexualidade e diversidade sexual. Após análise, perceberam que os/as futuros/as professores/as se posicionavam de maneira “politicamente correta”, mas que não tinham fundamentação teórica necessária para sustentar seus argumentos, muitas vezes contradizendo-se ao tentar justificar suas ideias. Além disso, a maioria dos/das entrevistados/as não se julgou apta a discutir a temática no ambiente escolar, algo que pouco se percebe ao questionar sobre outras temáticas. Talvez esse tipo de trabalho que extrapola o conhecimento e experiência, os/as assuste, dando a ideia de despreparo apesar dos processos formativos (Souza; Diniz, 2010). Os dados encontrados pelos autores diferem dos encontrados nessa pesquisa, pois, como dito, todos os professores que tiveram contato com a temática em seu processo formativo inicial se perceberam como aptos/as para discutirem em sua prática pedagógica na educação básica.

Assim, é possível dizer que não há, de fato, especialistas em gênero e sexualidade, não há garantias de que as discussões ocorrerão, mesmo após os processos formativos. No entanto, a existência desses espaços formativos nos cursos de formação de professores é uma importante contribuição que as universidades podem dar para munir de arcabouços teórico-metodológicos docentes que desejam assumir essas discussões.

## Conclusões

As discussões sobre gênero e sexualidade, na contemporaneidade, estão inseridas em um contexto marcado por avanços e retrocessos, em que diversas instâncias sociais se inscrevem nessa disputa pelo poder de determinar o que pode ser dito sobre essa temática. Neste sentido, a educação é um campo potente para as discussões das diferenças, pois há uma riqueza de vivências socioculturais que se relacionam neste espaço. Destaca-se nesse ínterim a presença dos professores de Ciências e Biologia como pessoas que são, muitas vezes, vistas como responsáveis por trabalharem com as questões de sexualidade.

Pensar, portanto, a formação de professores de Biologia para essas temáticas é uma importante contribuição para o processo teórico-metodológico da área de Ciências Biológicas. Assim, é necessário destacar dois pontos relevantes: o espaço que essas temáticas têm ganhado dentro dos cursos de graduação e a carência contínua de que novos espaços sejam desenvolvidos, tendo em vista, que ainda muitos professores passam pela formação inicial sem terem contato com as discussões de gênero e sexualidade. Assim, é fundamental que os cursos de formação de professores/as se atentem a necessidade de construir espaços que fomentem esses diálogos.



**Lema.**

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la formación de profesores.

---

**Referências bibliográficas**

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo, SP: Edições 70.
- Brasil. (2006). *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias* Brasília, DF: SEB/MEC.
- Furlani, J. (2008). Gênero e sexualidade nos materiais didáticos e paradidáticos: representações de gênero e sexualidade em livros didáticos e paradidáticos. *Salto para o futuro*, 8(26), 39-46.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, SP: Atlas.
- Moreira, J., & Cesar, M. R. A. (2019). Ideologia de Gênero: uma metodologia de análise. *Educ. Real.*, Porto Alegre, 44(4).
- Paschoarelli, L. C., Medola, F. O., Bonfim, G. H. C. (2015). Características Qualitativas, Quantitativas e Quali-quantitativas de Abordagens Científicas: estudos de caso na subárea do Design Ergonômico. *Revista de Design, Tecnologia e Sociedade*, 2(1), 65-77.
- Ribeiro, P. R. C., Soares, G. F., & Fernandes, F. B. N. (2009). A Ambientalização de Professores e Professoras Homossexuais no Espaço Escolar In: Junqueira, R. D. (org.), *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.
- Santos, S. P. (2011). Sexualidade nas representações de futuros/as Professores/as em ciências biológicas. In: *Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais* (1-16), Salvador, Bahia/Brasil.
- Soares, Z. P., & Monteiro, S. S. (2019). Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. *Edu. Ver.* 73(1), 287-305.
- Souza, L. C., & Dinis, N. F. (2010). Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em biologia. *Pro-Posições*, 21(3), 119-134.
- Vianna, C. P. (2002). O sexo e o gênero da docência. *Cad. Pagu.* 17(1), 81-103.